

A PESSOA DO ESPÍRITO SANTO: O ENSINAMENTO DOS PADRES CAPADÓCIOS PARA A ATUALIDADE

Resumo: O artigo examina, à luz dos escritos e pensamento dos Padres Capadócius, a Pessoa do Espírito Santo. Tendo em conta que, nos nossos tempos, percebe-se muito empenho na reflexão sobre a Pessoa do Espírito Santo através dos diversos movimentos espiritualistas, este artigo pretende adestrar as más percepções atuais sobre o Espírito Santo, nos passos dos Padres Capadócius. Com este tema se pretende responder as seguintes indagações: que influência os Padres Capadócius ainda têm na atualidade? Será que o problema trinitário, especialmente no que se refere à terceira pessoa da Santíssima Trindade, é uma indagação acabada ao ponto de não ter um impacto existencial e moral para as vivências de hoje? Deste modo, ver-se-á que existe uma única natureza e a comunhão de diferentes hipóstases e não um subordinacionismo em Deus. Na humanidade, criada à imagem e semelhança de Deus, também é possível viver sem indiferentismo, inferiorização e subordinação dos outros.

Palavras-chaves: Espírito Santo. Trindade. Subordinacionismo. Padres capadócius.

THE PERSON OF HOLY SPIRIT: THE TEACHINGS OF THE CAPPADOCIAN FATHERS FOR THE ACTUALITY

Abstract: The article examines, in the light of the writings and thought of the Cappadocian Fathers, the Person of the Holy Spirit. Bearing in mind that, in our times, is perceived a lot of commitment in the reflection of the Person of the Holy Spirit through various spiritualist movements, this article intends to train the current bad perceptions about the Holy Spirit, in the steps of the Cappadocian Fathers. With this theme we intend to answer the following questions: which influence do Cappadocian Fathers still have today? Could it be that the trinitarian problem, especially in referring the third person of the Most Holy Trinity, is an outdated question to the point of not having an existential and moral impact on the experiences of today? In this way, it will be seen that there is

only one nature and communion of different hypostheses and not a subordination in God. In humanity, created in the image and likeness of God, it is also possible to live without indifference, inferiority and subordinating others.

Keywords: Holy Spirit. Trinity. Subordinationism. Cappadocians Fathers.

Considerações iniciais

A imagem de Deus Uno, na fé Judaica, era bem entendida. A grande novidade e 'escândalo' para as grandes religiões monoteístas foi a fé no Deus Uno e Trino dos cristãos. Essa fé é compreendida dentro do Cristianismo como a plenitude da revelação de Deus aos homens, conforme o que nos diz a Carta aos Hebreus 1,1-2. Deus se revela como Pai, Filho e Espírito Santo:

Quando, porém, chegou à plenitude do tempo, enviou Deus o seu Filho, nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial. E porque sois filhos, enviou Deus aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Abba, Pai! (Gal 4,4-6).

Esta revelação de Três Pessoas de um Deus no mundo bíblico é sempre questionável¹, por isso os padres da Igreja tornaram nítida a doutrina Trinitária desde os primeiros séculos. Desta forma, no Novo Testamento atribui-se à

¹ Tendo Gn 1,26 como exemplo, o uso do plural " façamos o homem [...]" é muito questionado se Deus pretendia, com tais palavras, revelar-se como 'Uno e Trino' ou é simplesmente uma questão linguística! Na vasta quantidade de comentários que essa afirmação gerou, a discussão se concentrou algumas questões fundamentais: Por que Deus fala no plural: façamos [...] à [...] nossa? Será que Deus se referia como 'Pai, Filho e Espírito Santo?' Por que Ele não disse: 'agora quero fazer o homem à minha imagem e semelhança?' De acordo com o comentário 'd' de Gn 1,26 da Bíblia de Jerusalém, o uso do verbo 'fazer' no plural do modo indicativo, "não parece ser um plural majestático e não se explica também pelo simples fato que o nome Elohim é um plural quanto à forma, pois ele é usado quase sempre como nome próprio do verdadeiro Deus e acompanhado normalmente de um verbo no singular" (Bíblia de Jerusalém, 2002, grifo do autor, comentário de Gn 1,26).

Pessoa do Pai, de maneira incomensurável, “como à sua origem, a resolução divina bem como todas as promessas e atividades salvíficas de Deus [...]” e “[...] o Filho de Deus assumiu a carne de cadeia de gerações da humanidade pecadora [...] e exclusivamente nela anuncia e opera a salvação vinda do Pai” (FEINER; LOEHRER, 1973, p. 54). Embora não seja o ponto para onde o nosso tema converge, a percepção do Filho como Homem, Divino² e como a Segunda Pessoa do Deus Uno e Trino foi caótica na formulação deste dogma. Se o próprio Filho, entendido como o revelador do Deus Trino foi mal entendido, imaginemos o quanto foi problemática elaboração do dogma sobre a Pessoa do Espírito Santo. Aqui se tornam pertinentes os questionamentos: quem é o Espírito Santo? Será que é possível defini-Lo de modo sistemático? Qual foi a contribuição dos padres capadóciotes a respeito do Espírito Santo?

É muito difícil compreender e notar a constituição de cada Pessoa do Deus dos cristãos separadamente. Por isso, rejeitando qualquer tentativa de negação da preeminência e da correspondência da revelação de Deus em Cristo, TAVARES, comentando sobre o ‘axioma rahneriano’³, diz no seu prólogo da obra *Trindade e criação*:

² Durante os Séculos VI e V os Padres combateram duras heresias acerca da humanidade e divindade de Jesus. Alguns chegaram a afirmar que Jesus Cristo não era parte Deus e parte homem, nem era uma mistura do divino com o humano. É neste âmbito que a Igreja esclareceu que Jesus é verdadeiramente Deus e verdadeiramente Homem.

³ Karl Rahner (1904-1984), teólogo jesuíta interessado no curso da história da salvação e na experiência pessoal da graça, acreditava que Deus se comunicava aos humanos dessas duas maneiras, com a história real da encarnação do Filho e as condições transcendentais da experiência espiritual. Foi Rahner quem resumiu ‘o novo trinitarismo’ com as seguintes palavras: “A Trindade econômica é a Trindade imanente e vice-versa”. Ou seja, quando experimentamos o Pai, o Filho e o Espírito no curso da história e em nossa vida espiritual, experimentamos quem é Deus dentro de si (imanente ao seu próprio ser). Ou seja, a Trindade que nos foi dada na história da salvação é Deus como ele é em si mesmo: Pai, Filho e Espírito Santo (TAVARES, 2007).

A afirmação da estreita correspondência entre a Trindade assim como se nos revelou em Jesus e foi aos poucos experimentada mais profundamente pelas comunidades cristãs e a Trindade na sua essência mais íntima descortinou um imenso panorama fecundo em possibilidades tanto no que diz respeito à experiência humana de Deus quanto ao que se refere à dimensão mais específica do seu conhecimento (2007, p. 12-13).

É importante destacar que o que Jesus⁴ revelou acerca da Trindade corresponde à essência da Trindade Imanente, embora ela seja muito mais misteriosa para nós, ou seja, “agora vemos em espelho e de maneira confusa, mas, depois, veremos face a face” (1Cor 13,12).

Assim, recorrer-se-á aos dois irmãos, Basílio de Cesareia e Gregório de Níssa, com o seu amigo Gregório Nazianzeno, a fim de apresentar suas compreensões sobre a Pessoa do Espírito Santo. Como eles foram capazes de responder aos problemas e às controvérsias dos seus tempos, queremos, a partir deste artigo, aprofundar-nos com mais especificidade na Pessoa do Espírito Santo. Veremos que, de maneira peculiar, o Deus dos cristãos se faz presente na história, age no mundo interiormente, estabelece “uma proximidade sempre maior com relação ao ser humano” (TAVARES, 2007, p. 225) e não viola a sua liberdade pelo próprio Espírito.

Por um lado, buscamos aproximarmo-nos dos Padres capadóciolos a fim de encontrar resposta às alegações contemporâneas, movidas pela falta de um adequado conhecimento, de que nos primeiros séculos não houve muito espaço ou até fora ‘esquecido o Espírito Santo’. Ainda que se o tenha esquecido, mostrar-se-á porque afirmar deste modo. Por outro lado, buscamos desenvolver

⁴ É sempre importante percebermos que qualquer estudo teológico deve corresponder com o que Jesus nos ensinou através dos Evangelhos. No mesmo aspecto Tertuliano (220) ensinava que “os evangelhos, como a substância do NT, contêm a essência da revelação neotestamentária que, por sua vez, é a automanifestação da Divindade em sua unidade *tripessoal*, o que diferencia fundamentalmente a fé cristã da judaica” (SIQUEIRA; TIMM, 2017, p. 361).

as controvérsias do subordinacionismo e Eunômio, bispo ariano, cujas teses teológicas foram combatidas pelos Padres capadócius. É neste âmbito em que não se deve esquecer que “se observarmos [...] o desenvolvimento da doutrina sobre o Espírito Santo, encontramos, na época primitiva da Igreja, um fato de certo modo surpreendente” (SCHLETTE, 1983, p. 98) na contribuição da doutrina Trinitária. Tais fatos surpreendentes são abordados, em seguida, pelos Padres capadócius.

1 Os Padres Capadócius: quem são eles?

Basílio de Cesareia, Gregório de Níssa e Gregório de Nazianzo, conhecidos coletivamente como os Padres da Capadócia, foram fundamentais para solidificar a ortodoxia trinitária no Século IV. Tanto suas histórias quanto suas contribuições teológicas estão interligadas.

1.1 São Basílio Magno

Nasceu por volta do ano 329, em Cesareia, capital da província Capadócia (atualmente Kayseri, na Turquia), no seio de uma família rica e piedosa, cujos antepassados distinguiram-se pela sua fé ao ponto de receberem a coroa do martírio. A semente da piedade, na qual Basílio se distinguiu, foi plantada nele por sua avó, St. Macrina, e sua mãe, Santa Emélia. Ele tinha quatro irmãos e cinco irmãs, todos com vida religiosa; dois de seus irmãos, Gregório, bispo de Níssa, e Pedro, bispo de Sebaste, e sua irmã, Macrina, a mais nova, são, como ele, entre os santos de a igreja oriental (cf. KURTZ, 2016). Ele recebeu sua educação literária no início pelo seu pai, que era retórico; depois na escola em

Constantinopla (347), onde desfrutou da instrução e estima pessoal do célebre Libânio; e em Atenas, onde passou vários anos, entre 351 e 355, estudando retórica, matemática e filosofia, em companhia de seu amigo íntimo Gregório Nazianzeno, e ao mesmo tempo com o príncipe Juliano, o Apóstata (361), que viria a se tornar o imperador romano. Em 362, Basílio foi ordenado diácono pelo bispo Melécio de Antioquia. Ele foi convocado por Eusébio, ordenado presbítero da Igreja em 365 consagrado bispo em 370. (SCHAFF, 1882, p. 164).

1.2 São Gregório de Nissa

Era o irmão mais novo de Basílio e o terceiro filho de seus pais. De sua descendência honrosa, ele não deu conta. Sangue, riqueza e esplendor, diz ele, devemos deixar para os amigos do mundo; a linhagem do cristão é sua afinidade com o divino, sua pátria é virtude, sua liberdade é a filiação de Deus (KURTZ, 2016). Ele formou sua mente principalmente nos escritos de Orígenes e sob a direção de seu irmão, a quem ele chama de pai e preceptor. Em dons filosóficos e cultura científica, ele superou seus dois amigos mais velhos, e em zelo na controvérsia do arianismo, ele não estava nem um pouco atrás deles. Foi ordenado bispo por seu irmão Basílio, e por volta do ano 394 ele veio a morrer (SCHAFF, 1882, p. 165).

1.3 São Gregório Nazianzeno

É o terceiro na tríade da Capadócia. Ele exhibe a flor da teologia grega em estreita união com a fé nicena, e foi um dos campeões da ortodoxia, embora com uma mente aberta para a especulação livre. Gregório Nazianzeno nasceu

por volta de 330 em Arianzo, perto de Nazianzo, uma cidade situada no sudoeste da Capadócia, onde seu pai era bispo. Sua vida, com suas alternâncias de alto nível, reclusão monástica, amor pelos estudos severos, entusiasmo pela poesia, natureza e amizade, possui um encanto romântico (KURTZ, 2016). Ele foi por inclinação e fortuna atirado entre o silêncio de uma vida contemplativa e o tumulto da administração da Igreja, insatisfeito com nenhum deles, nem pensador nem poeta, mas, de acordo com seu desejo juvenil, um orador que, embora muitas vezes bombástico e seco, trabalhou poderosamente pela vitória da ortodoxia quanto ao verdadeiro cristianismo prático. Em 361, Gregório retornou a Nazianzo foi ordenado presbítero por seu pai, que queria que ele o ajudasse a cuidar da comunidade cristã local. Ele administrou por vários anos o bispado e morreu em 390 (SCHAFF, 1882, p. 166).

2 Origem da doutrina dos padres capadócius

Os que combatiam a divindade do Espírito Santo foram chamados de ‘pneumatômacos’, por Santo Atanásio, que já nos anos 200 d.C. denunciou sua existência. O próprio São Basílio chamava por ‘macedonianos’ ao grupo que seguia Macedônio I (360), inclusive aos bispos de Constantinopla, diversas personalidades do Egito e Ásia Menor. Os pneumatômacos foram condenados em diversos sínodos, como o de Alexandria no ano de 362, de Roma em 378 e no Concílio de Constantinopla em 381 (SCHNEIDER, 2002, p. 446-447).

Tendo em conta que a doutrina Trinitária não foi bem explicitada, mesmo para os primeiros apóstolos, os padres capadócius, assim como os jovens nicenos, perceberam tal problema e fundamentaram sua compreensão “numa teologia realmente trinitária a partir da ideia da *ousia* (substância, natureza)

uma, e não a partir do esquema Pai-Filho” (SCHNEIDER, 2002, p. 447, grifo do autor). Eles não só incluíram o Espírito Santo, mas reconheceram a terceira Pessoa sendo um Deus com o Pai e o Filho. Embora no Novo Testamento nunca o Espírito Santo foi apresentado claramente como sendo Deus, os padres capadócius viram as várias formas em que o Espírito Santo aparece nos escritos neotestamentários. De outro lado, os pneumatômacos não conseguiram notar a grande ligação na atuação do Pai, do Filho e do Espírito Santo. O Espírito Santo não é simplesmente aquele que aparece no

acontecimento salvífico, a partir do Pai e mediante o Filho, alcança, atinge e marca permanentemente os crentes e os liga com Cristo e com o Pai, mas também como aquele que une o Pai e o Filho em sua comunhão de ação e vida, como Espírito do Pai e do Filho (SCHNEIDER, 2002, p. 441).

Considerando o pensamento desenvolvido pelos pneumatômacos, analisaremos os cismas que foram causados pelo subordinacionistas e Eunômio como provenientes e seguidores do Ário.

2.10 Subordinacionismo

A controvérsia ariana está relacionada à heresia propagada por Ário (250-336 d.C.) e seus seguidores a respeito da divindade de Jesus Cristo e do Espírito Santo. Eles se apegaram a uma visão hierárquica do Pai, Filho e Espírito Santo. Numa síntese, eles doutrinaram que o Pai era o mais importante, seguido pelo Filho e por último, o Espírito. Os arianos argumentaram que, por causa da geração e processão, o Filho e o Espírito são inferiores em majestade ao Pai. Sendo assim, Ário

não concebia o Filho como consubstancial ao Pai. O Filho era a primeira criatura e a mais excelente delas, algo como o primeiro dos anjos e mais nada. Dito isso, se a Palavra foi criada ou gerada e, mesmo que gerado supere o criado, em relação ao tempo, sua aceitação sempre elimina a coeternidade com o Pai (SIQUEIRA; TIMM, 2017, p. 360).

Isso levanta problemas tanto cristológicos e soteriológicos⁵, uma vez que minimiza qualquer esforço de conceber a divindade de Jesus Cristo. Da mesma forma, também diminui qualquer trabalho que o Espírito faça na vida de um cristão. A compreensão do Espírito Santo como aquele que ‘procede do Pai e do Filho’ que, por sua vez, pode culminar nas afirmações de que Ele é uma criatura, servidor, inferior ao Pai e ao Filho, e a sua posição como ‘terceiro’ depois do Pai e do Filho, abarca consigo tendências de percepções erradas no relacionamento intratrinitário que pode culminar no seguinte: ‘se em Deus existe uma inferiorização entre as três pessoas, como Ele procederá ou como se relacionará com os humanos?’ Nesta mesma visão é possível chegar a uma compreensão de ‘um mundo sem Deus’ no qual não existe um vínculo entre o divino e o humano por que também torna fácil ver o outro como um mero servo ou até mesmo escravo, inferior e, portanto, sem a mesma dignidade e natureza.

Os erros subordinacionistas sobre o Espírito Santo que dominaram por muito tempo, mostram uma incompreensão da Pessoa do Espírito Santo do que no Filho. “A terceira pessoa divina é considerada um mensageiro de Deus. Por vezes, identificada com o Arcanjo Gabriel ou, junto ao Logos, com o querubim da visão de Isaías” (FRIES, 1983, p. 99). Esta controvérsia encontra sua inspiração, primeiramente, “no fato de que as processões intratrinitárias do *Logos* e do

⁵ Uma percepção de que Cristo não é consubstancial ao Pai implica uma negação da essência de Cristo. Pois, o Concílio de Éfeso (431) definiu que “Jesus Cristo é uma (só) pessoa, com duas naturezas: é homem e é o Filho de Deus, o Logos, pleno Deus e pleno homem, com um corpo e uma alma racional. A união das duas naturezas de Cristo realiza-se de tal forma perfeita que uma não se contrapõe a outra” (ROBERTO, 2015, p. 180).

Pneuma eram explicadas, partindo da missão do Espírito Santo na economia salvífica⁶ (FRIES, 1983, p. 99). A subordinação pretendida, por assim dizer, é apenas aquela que diz respeito ao modo de subsistência e operação, implícito nos fatos escripturísticos de que o Filho é do Pai, e que o Espírito é do Pai e do Filho, e que o Pai opera por meio do Filho, e o Pai e o Filho pelo Espírito. O subordinacionismo destaca a figura da paternidade. A paternidade, portanto, é a propriedade distintiva do Pai; a filiação do Filho; a processão do Espírito que é visto como um meio inferior que realiza a vontade primária do Pai, e estranho na essência e natureza do Pai e do Filho.

2.2 Eunômio de Cízico (393)

O desenvolvimento das controvérsias arianas tem o seu ápice com Eunômio de Cízico que nasceu em Dacora, na Capadócia, no século IV e morreu por volta do ano 393. Apesar de o Concílio de Niceia (325) ter rejeitado as ideias arianas,

o problema persistiu, pois não foram definidas a natureza e a divindade do Espírito Santo. Fervilhavam as ideias, a começar pelas judaicas, que identificavam o Espírito Santo como uma 'força divina'. Com elas, o *modalismo* argumentava que era apenas uma qualidade divina. Depois, estava a ariana, que, referindo-se ao Espírito Santo, apenas o considerava como uma segunda criatura ou um segundo anjo, e tal era a sua rejeição da divindade dele que, ao intensificar-se o confronto no meio do século, os seus defensores foram rotulados 'pneumatômacos', ou seja, aqueles que 'matam o Espírito' (SIQUEIRA; TIMM, 2017, p. 360-361, grifo do autor).

⁶ É importante fazer estudos teológicos que ao abordarmos uma Pessoa da Trindade se note a presença dos demais, pois a ausência do Espírito Santo na manifestação do Pai, do Filho e até na Igreja, compromete a essência da fé cristã. Para não acontecer isso, John Bevere nos diz, "Primeiro, praticamente não existe vida cristã sem o Espírito Santo. Sem o Espírito Santo, o Cristianismo é seco, monótono e mundano. Sem o Espírito Santo, nosso trabalho é esgotador e cansativo. Sem o Espírito Santo, não existe comunhão com Deus" (2015, p. 14).

Mesmo com a condenação definitiva do arianismo pelo Concílio de Constantinopla em 381, não houve fim rápido à esta visão controversa predominante. Não obstante a nossa linguagem não consiga expressar e conceituar com maior acessibilidade o mistério Trinitário, a maioria dos argumentos dos Concílios e teólogos eram em relação à linguagem, ou seja, como as escrituras foram interpretadas e esclarecidas com conceitos teológicos. Este último ponto também incluiu a linguagem da oração e adoração cristã. Esses argumentos foram dirigidos pelos padres capadócius contra os arianos, semi-arianos e, em particular, Eunômio junto com os pneumatômacos.

Partindo da definição de Deus como 'ingênito', que é próprio da substância de Deus, Eunômio entendeu Deus como ser inacessível. Com o que havia sido afirmado pela tradição, que "o Filho é gerado pelo Pai, insistir na falta de geração como o próprio e o específico de Deus significa negar a divindade do Filho" (LADARIA, 2005, p. 215). A sustentação Eunômio consistia em afirmar que o Filho não pode ser Deus. Deus é, portanto, o ingênito; como o Filho foi gerado, ele não pode vir do outro, porque Deus é ingênito. Segundo Eunômio, é absolutamente irracional negar que o Filho seja criatura, ainda que não seja como as outras (LADARIA, 2005, p. 215).

Sobre o Espírito Santo, Eunômio diz pouco, contudo, o que ele afirma é catastrófico à Pessoa do Espírito Santo. Deste modo, "o Espírito é considerado apenas o terceiro em ordem, em dignidade e em natureza. Dele não se pode dizer que é o primeiro quanto à natureza e tampouco que seja o unigênito" (TAVARES, 2007, p. 117).

Fries, por sua vez, comenta que "o arianismo, sobretudo o de Eunômio, dá ao subordinacionismo a sua força mais radical. O Filho (Jesus Cristo) e o Espírito

Santo são entendidos como naturezas criadas, intermediárias entre Deus e o mundo” (1983, p. 99, grifo do autor).

Como os arianos e Eunômio, que se perderam na tentativa de perceber as Pessoas Trinitárias, Sabélio, bispo do Séc. III d.C., na tentativa de opor-se aos ensinamentos de Hipólito (236) que negava a Trindade⁷, “afirmou que não há distinção entre as pessoas da divindade, já que tanto o Pai como Filho e o Espírito Santo são uma única entidade. Eles são o mesmo Deus, que se manifesta de várias maneiras (modos) [...]” (SIQUEIRA; TIMM, 2017, p. 361). Devido a essas afirmações, Sabélio e seus seguidores foram chamados de ‘sabelianos’ e de ‘modalistas’, por negarem a Trindade de outra maneira. Contudo, os Padres capadócijs, num tempo de muitas brigas internas da Igreja, tiveram uma opinião diferente do sabelianismo, arianismo, e outros grupos.

3 A Pessoa do Espírito Santo segundo os capadócijs

A controvérsia ariana, que dividiu a Igreja antes do Concílio de Niceia até depois do Concílio de Constantinopla, foi colocada em destaque, deixando a divindade do Espírito Santo na sombra. A causa da confusão decorria principalmente da interpretação ou má interpretação de termos importantes como *ousia* (substância, essência) e hipóstase ou *prosopon* (em latim, *persona*). O uso de tais conceitos se tornou claro através das obras dos três grandes padres capadócijs: Basílio de Cesaréia, Gregório de Nazianzeno e Gregório de Níssa. Foram os padres da Capadócia que definiram o Espírito Santo como é compreendido hoje na Doutrina Cristã, em sentido formal, mas também no

⁷ O próprio Hipólito também ensinou que “o Logos divino (o Verbo) se fez homem em Cristo, mas Ele é diferente de Deus e a Criação. Isso significa que Cristo não era Deus, é uma negação da Trindade” (SIQUEIRA; TIMM, 2017, p. 361).

sentido amplo. Da mesma forma Tavares diz que a contribuição dos três padres capadócius “oferecem à compreensão e explicitação da teologia trinitária é deveras preciosa” (2007, p. 116). Siqueira e Timm sintetizam o pensamento dos padres capadócius dizendo que eles “expandem a doutrina do Espírito Santo [...] nos seguintes pontos: 1) que Ele é Deus e deve ser adorado; 2) mais detalhes em sua procedência do Pai; e 3) sua relação com os outros componentes da Trindade.” (2017, p. 388-389). Reconheçamos aqui que o estabelecimento de Jesus Cristo como totalmente divino e humano foi essencial para um verdadeiro esclarecimento e compreensão do Espírito Santo. Este passo foi reconhecido por um dos padres da Capadócia, Gregório de Nazianzo, que escreveu:

a antiga Aliança pregou abertamente o Pai, mais obscuramente o Filho. A Nova manifestou o Filho, deixou entrever a divindade do Espírito. Agora o Espírito mora conosco, e de modo mais evidente se manifesta a nós. Porque não era prudente, antes de ser reconhecida a divindade do Pai, proclamar abertamente a do Filho. Nem, antes de admitida a do Filho, falar do Espírito Santo, para que, [...] também de glória em glória mais esplêndidos avanços e progressos, brilha a luz da Trindade (GREGÓRIO DE NAZIANZO, 1984, p. 109).

O seu argumento refutava o pensamento de Eunômio e de tantos outros subordinacionistas. Pelo fato de o Espírito Santo não ser uma criatura, nem servo de Deus, e por ser participante da mesma essência de Pai e do Filho, o Espírito Santo deve ser glorificado e adorado da mesma forma que Pai e Filho. Basílio vai mais além quando diz que “a fórmula de Eustácio de Antioquia – de que glória deve ser dada em Espírito, através do Filho, para o Pai – apenas confirma que o Espírito deve ser adorado” (SIQUEIRA; TIMM, 2017, p. 389). Para Gregório de Nazianzo é crucial sabermos que “o Espírito Santo emana do Pai através do Filho; se não fosse assim, ele seria outro Filho” (SIQUEIRA; TIMM, 2017, p. 389). Ele não é o Filho nem o Pai, contudo isso não significa que há

separável, pelo contrário, “indivisa em distintas é a Divindade, [...]. À semelhança de três sóis unidos entre si, uma é a junção da luz” (GREGÓRIO DE NAZIANZO, 1984, p. 102).

Por sua vez, Basílio esboça o seu argumento a partir da divindade do Espírito Santo. Ele destaca o testemunho das Escrituras para evidenciar a grandeza e dignidade do Espírito, o seu poder e a imensidade da sua operação. Basílio, como seu irmão, define a palavras *ousia* e *hipostasis*. Ele também argumenta que a relação entre o Espírito Santo e o Filho, corresponde à relação entre Filho e Pai. Negando os que consideravam que Espírito Santo não tem a mesma natureza e essência com Pai e o Filho, ele parte da relação do Pai e do Filho: “se Deus não é capaz de transmitir sua natureza ao Filho que gera, o Pai e o Filho não são realmente tais [...]. se o Pai e o Filho não têm a mesma natureza, não se entende como Jesus diz: que quem o vê, vê o Pai (cf. Jo 12,45; 14,9)” (LADARIA, 2005, p. 215). Quanto à pessoa do Espírito Santo, Basílio diz que entre o Pai e o Filho e o Espírito não há diferença de grau, porque “por terem uma única natureza, as três pessoas constituem um só Deus. [...] assim o reconhecemos para ter uma ideia distinta e clara sobre o Pai, o Filho e o Espírito Santo” (TAVARES, 2007, p. 117). Desta forma, Gregório de Nissa apresenta um belo pensamento de comunhão e procedência ao dizer que

para o Pai, não ser gerado; para o Filho unigênito, ser gerado. O Espírito Santo tem comunhão de natureza com o Pai e o Filho, mas o signo distintivo que o caracteriza é não ser nem gerado nem não-gerado. O Espírito procede do Pai e é recebido do Filho [...]. A vida divina transmite-se ao Filho pela geração, ao Espírito Santo, mediante o Filho, pela processão (LADARIA, 2005, p. 229-230).

Essa grande contribuição que tivemos dos capadóciotes é magna e essencial para uma boa compreensão, não só a pessoa do Espírito Santo, mas de toda a

Trindade. Por isso até o credo niceno-constantinopolitano é fruto do pensamento dos padres capadócius. Portanto, o Espírito manifesta o Filho, como o Filho manifesta o Pai, mas o Espírito está unido ao Pai, pois dele procede. Para Gregório, a emanação do Espírito Santo pelo Pai é em essência e eterna (SIQUEIRA; TIMM, 2017, p. 389).

3.1 O Ensino dos Capadócius para a atualidade

Nos tempos hodiernos, em que a conceituação e a sistematização das coisas são prioritárias, o mesmo é aplicado no estudo da Pessoa do Espírito Santo. Contudo, o que sabemos sobre Ele é suficiente para a nossa fé e para a nossa comunhão com Deus e com toda a criação. O grande obstáculo à compreensão sobre o Espírito Santo consiste no querer abarcar todo o mistério de Deus em nossa vida; possuir Deus e dizer-lhe o que Ele 'deve fazer'. Obviamente isso já mostra o quanto estamos distantes da Trindade em quase todos os aspectos. Distantes no conhecimento, no amar, no sermos cada vez mais bons e humanos, na nossa relação com o outro e até na própria adoração ao Espírito Santo. São Basílio dizia que quem não adora e exclui o Espírito Santo porque o considera inferior e sem a natureza ou essência do Pai e do Filho, "acha-se também excluído da verdadeira adoração aquele que renega o Espírito. De fato, é impossível adorar o Filho, a não ser no Espírito Santo, nem é possível invocar o Pai, a não ser no Espírito da adoção filial" (BASÍLIO, 1999, p. 119).

Quando procedemos como os pneumatômacos que afirmavam que o Espírito "não vem senão em terceiro lugar na invocação batismal. Ele é, portanto, inferior ao Pai e ao Filho e não se pode atribuir-lhe a honra que lhe é dada em algumas igrejas" (BASÍLIO, 1999, p. 119), nos colocamos distante d'Ele e fazemos

dele um instrumento ou meio do Pai e do Filho. Mas Gregório de Nissa já nos dizia: “O Espírito procede do Pai e é recebido do Filho. O Espírito Santo tem sua causa no Pai através do Filho e com ele. A vida divina transmite-se ao Filho pela geração, ao Espírito Santo, mediante o Filho, pela processão” (LADARIA, 2005, p. 230). Portanto, com a devida adoração e culto à pessoa do Espírito Santo, estaremos não simplesmente a cumprir uma lei ou uma doutrina, mas estaremos a nos aproximar, cada vez mais de coração aberto, de Deus, Uno e Trino. Nisso se percebe uma necessidade imediata de nos aproximarmos da Terceira Pessoa da Trindade com novos rostos.

Na mensagem compreendida pela tradição ocidental tirada da Sagrada Escritura nos serve de fundamento para esta jornada. Ela nos diz que “o Espírito Santo é a força de Deus que sai dele e é trazida à História pelo Cristo, *Kyrios* glorioso, força esta que testemunha a presença do Cristo mesmo e garante o aperfeiçoamento último da criação” (FRIES, 1983, p. 98). Ele é a força enquanto existe vida que provém d’Ele. Fries, buscando a etimologia da palavra ‘espírito’, depara-se com resultados surpreendentes: *pneuma* “exprime pouco o que o Espírito é e opera no íntimo da vida trinitária, mas diz muito da sua eficaz ação santificadora na economia da salvação” (FRIES, 1983, p. 101). É importante vislumbrar aqui o ensinamento dos padres capadóciotes que nos diz que o Espírito Santo não opera somente nos humanos, mas também na própria vida intratrinitária. A nossa própria vida e santidade é consequência de uma comunhão que existe entre as Pessoas Trinitárias. Fries sustenta isso quando diz

a santidade une-se ao apelativo Espírito, porque é o Espírito quem introduz o homem na ‘atmosfera’ divina, e, como o ar que se respira, compenetra e diviniza o homem, fazendo-o assim participante da santidade de Deus, a ponto de se tornar o que a Escritura afirma dos justificados, isto é, santo (1983, p. 101, grifo do autor).

Com isso, o apelo e o novo ensinamento dos capadócius ao arianismo e seus mestres merece um lugar especial na nossa comunhão com o Espírito Santo. Aliás, “o princípio primeiro de ambas as processões trinitárias é o Pai, que é só, *principium sine principio*, enquanto que o Filho é *principium principiatum* e o Espírito Santo, *principiatus*” (FRIES, 1983, p. 104). Portanto, podemos afirmar que, com a revelação do Espírito Santo aos apóstolos, conforme a promessa de Cristo, aí Deus se revelou solenemente na redenção humana. Não que precisasse que cada Pessoa da Trindade se manifestasse à humanidade para que a redenção tomasse a sua plenitude, mas visto que Deus “habitou entre nós, e nós vimos a sua glória” (Jo 1,14), negar o que Ele é, seria também negar a própria epifania de Deus e a sua essência.

3.2 Pessoa do Espírito Santo e a sua relação com o Pai e o Filho: na visão de alteridade

As heresias têm seus pontos positivos, isto é, elas nos despertaram, nos tornaram cômicos das Verdades de nossa fé. No entanto, no que se refere às relações trinitárias, elas “podem ser reconduzidas fundamentalmente a duas absolutizações: 1) a que interpreta unidade como unicidade e não como comunhão; 2) ou a que concebe diferença como divisão e separação e não como alteridade” (TAVARES, 2007, p. 132). Pois, o que levou muitos teólogos dos primeiros séculos a serem chamados de subordinacionistas ou até modalistas foi exatamente essa compreensão de que, quando se fala sobre Deus ser um, é pelo fato da sua unicidade. Como eles, a nossa compreensão também é forjada pela teologia subordinacionista onde se procura a diferença de natureza entre o

ingênito e o gerado, o gerado e o não-gerado. Partindo da doutrina dos Capadócius “na vida intratrinitária o Espírito Santo é o vínculo da união. Isto é expressado pela tradição com imagens, quando o denomina como: vínculo de – unidade, penhor de – amor, melhor ainda, o ósculo de amor entre o Pai e o Filho” (FRIES, 1983, p. 104).

O ser de Deus como Pai, Filho e Espírito deve ser pensado como relações de comunhão entre si. No pensamento dos Capadócius o destaque sempre foi a relação do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Mesmo se o Pai é maior que o Filho “é maior, enquanto ‘causa’ e ‘princípio’ do Filho por Ele gerado; a identidade de natureza é devida ao fato do Filho realizar as atividades de Deus” (TAVARES, 2007, p. 118). Essa é uma imagem muito bela que nos conduz à certeza de que o ‘Tu’ por ser diferente do ‘Eu’, não significa que ‘Tu’ tenha uma certa inferioridade ao ‘Eu’. Pelo contrário “[...] a compreensão atual da pessoa destaca sua abertura e comunicabilidade [...]” (VIDAL, 1987, p. 138).

O Espírito Santo é aquele que não só é vínculo e dom de comunicação do Pai e do Filho, mas também Ele é o vínculo do Pai e do Filho com a humanidade. De fato, o Espírito é o elo entre a humanidade e o Filho, sendo assim o próprio elo entre o Filho e o Pai. Gregório de Nazianzo amplia a visão de Basílio ao apresentar que o Espírito Santo não é nem o Pai (ingênito), nem o Filho (único gerado), mas ele emana do Pai; sendo assim, o Espírito é Deus e não é nem Filho ou neto de Deus, pois é parte do próprio Deus, formando uma bela comunidade (SIQUEIRA; TIMM, 2017, p. 389).

Certamente, da apresentação antropomórfica do Espírito Santo como vínculo de união entre o Pai e o Filho, poderia surgir um mal-entendido. A espiração do Espírito Santo, originada do dom recíproco da primeira e da segunda pessoa, não pode ser entendida como se, no espirar o Espírito Santo, estivesse uma oposta à outra. Isto estaria em contradição com o princípio enunciado pelo Concílio de Florença: ‘em Deus tudo é

uno, quando não existe oposição de relação' (DS 703; DS 1330) (FRIES, 1983, p. 104, grifo do autor).

Isso vale também para a humanidade: apesar das nossas diferenças, a humanidade é uma quando não existe excluídos e desvalorizados, quando o ódio e a vingança são reconciliáveis, o amor e paz são vividos nas relações. Mas enquanto isso não acontece, quem pode nos guiar a isso é o próprio Espírito Santo, o confiado pelo Pai e pelo Filho. Pois n'Ele os dois estão sempre presentes. Fries já nos dizia que o

Espírito' é como a atmosfera divina que circunda o homem, penetrando-lhe e fazendo-o entrar no hálito vital, na vida de Deus. A palavra *Πνευμα*, tomada imediatamente, exprime pouco o que o Espírito é e opera no íntimo da vida trinitária, mas diz muito da sua eficaz ação santificadora na economia da salvação (1983, p. 101, grifo do autor).

A vida de fé numa comunidade de cristãos não pode ser vivida como se fosse um 'ir ao encontro de Deus para fazer um colóquio individual', sem uma vivência na comunidade e na sociedade, a partir da revelação de Deus que é Pai, Filho e Espírito Santo. Por isso, Marciano Vidal chega numa conclusão provocativa ao dizer que "o homem não é o sujeito nem o valor fundamental da moral numa consideração fechada em si mesma. Unicamente o homem merece respeito ético enquanto é intersubjetividade" (1988, p. 139). Se houve um tempo em que o Espírito Santo foi esquecido ou deixado de lado, é porque a nossa própria alteridade também foi esquecida. A Igreja, entendida como o corpo vivo de Cristo, nunca deve deixar de lado o pecador, o pobre e tratar o diferente com desprezo. Para isso, o próprio Espírito Santo permanece na Igreja e fora buscando homens e mulheres capazes de mostrar que o nosso Deus é comunidade de três pessoas onde a *ousía* é uma das características próprias das hipóstases. Em outras Palavras,

embora cada uma das hipóstases ou pessoas possua o próprio ser em plenitude, permanece cada uma 'orientada às outras', porque, no fundo, cada pessoa se constitui enquanto 'com as outras' e simultaneamente como 'proveniente das outras' e ainda como 'destinadas umas às outras' (TAVARES, 2007, p. 142, grifo do autor).

O Espírito é poder, dom e amor do Pai e do Filho e inspira a todos comungarem da mesma essência e dignidade. Não é um servo possuído, mas um que procede da mesma natureza. É verdade que o Espírito Santo se manifesta no mundo ou fora dos muros da Igreja, contudo, é preciso estar atento ao grande perigo pode vir em cairmos num espiritualismo. Daí, não se saberá distinguir quem é de fato o Espírito Santo. Em última análise, convém dizer que o Espírito Santo vocaciona, desperta, ilumina, santifica e aperfeiçoa a humanidade que tanto procura “um modelo que conceba o ser/estar-consigo-mesmo espiritual-pessoal como sempre-já-ser/estar-com-o-outro e a este como pleno ser-a-si-mesmo” (SCHNEIDER, 2002, p. 481).

Considerações finais

Depois de fazermos esta trilha, ao buscarmos os nossos três grandes mestres da Capadócia, é devido concluirmos dizendo que os seus pensamentos e doutrinas ainda tem maior valor na atualidade. Nessa época em que vivemos, há muitos movimentos pentecostais que buscam ter o poder do Espírito Santo. Contudo, o que eles buscam não é conhecido e não é adorado devidamente. Se iniciarmos a buscar as raízes da nossa fé sobre a Pessoa do Espírito Santo, juntamente com o Pai e o Filho, cremos que a nossa caminhada de fé terá devidos frutos.

Contudo, o que vimos nos questiona: onde é que está a Pessoa do Espírito Santo, o qual fomos prometidos pelo Pai na pessoa do Filho? Se atualmente não conseguimos notar o Espírito Santo na nossa vida não é que Ele não esteja presente em nós, mas que nós não reconhecemos quando Ele está em nós. A sua presença não marca uma diferença no nosso trato com Ele porque ainda temos em nós uma compreensão do Espírito Santo como o 'agente ou servo do Pai e do Filho' não como Deus e a Terceira Pessoa da Trindade. Pela influência de alguns movimentos pentecostais e outras seitas espiritistas, considera-se o 'Espírito Santo simplesmente como o poder do Pai e do Filho', instrumentalizando-o, sem se saber que também, o Espírito Santo, com o Pai e o Filho, tem o mesmo poder, natureza e dignidade.

Finalmente, o subordinacionismo e as doutrinas arianas podem ser grandes perigos na nossa busca de comunhão e da alteridade. Se eles viram o Pai como aquele que não convive e não partilha a sua natureza com o Filho e o Espírito Santo, também nós podemos viver no mesmo caminho. Viveremos considerando o outro com diferente, não sendo da mesma natureza conosco; podemos viver subordinando qualquer pessoa que seja diferente de nós; e assim, não somente excluirmos o outro-diferente, mas propriamente nos excluirmos a nós mesmos da família e da sociedade.

Referências

BEVERE, John. **O Espírito Santo**: Uma Introdução. Rio de Janeiro: LAN Editora, 2015.

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. São Paulo: Paulus, 2002.

CAMBÓN, Enrique. **Assim na Terra como na Trindade**: o que significam as relações trinitárias na vida da sociedade? São Paulo: Cidade Nova, 2000.

DE AQUINO, Tomás. **Suma Teológica**: volume 1, Parte I: Questões 1-43. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

DE CESAREA, Basílio. **PATRÍSTICA**: Homilia sobre Lucas 12; Homilias sobre a origem do homem; Tratados sobre o Espírito Santo. vol. 14. 1. ed. São Paulo: Paulus, 1999.

FEINER, Johannes; LOEHRER, Magnus. **MYSTERIUM SALUTIS**. Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífico. O Evento Cristo: o evento de Cristo como Obra do Espírito Santo. v. III/8. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. **MYSTERIUM SALUTIS**. Compêndio de Dogmática Histórico-Salvífico. O Evento Cristo: Cristo e a Santíssima Trindade. v. III/1. Petrópolis: Vozes, 1973.

FRIES, Heinrich (Dir.). **Dicionário de Teologia**: Conceitos Fundamentais da Teologia Atual. vol. 2. (Educação – Imortalidade). 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1983. <<https://www.gutenberg.org/files/51491/>> (J. H. Kurtz, **Church History**-Volumes 1-3; 2016). Acesso em: 15 out. 2020.

LADARIA, Luis F. **O Deus vivo e verdadeiro**: o mistério da Trindade. São Paulo: Loyola, 2005.

NANZIANZO, São Gregório. **Discursos Teológicos**: Coleção os Padres da Igreja/5. Petrópolis: Vozes, 1984.

ROBERTO, Sérgio Paulo. **Introdução ao estudo dos Dogmas da Igreja Católica**. Juiz de Fora: Martyria Editora, 2015.

SIQUEIRA, Reinaldo W.; TIMM, Alberto R. (Orgs.). **Pneumatologia**: Pessoa e Obra do Espírito Santo. São Paulo, Unaspress, 2017.

SCHAFF, Philip. **History Of The Christian Church**. (Complete Eight Volumes In One). New York, 1882. Disponível em: <<https://b-ok.lat/book/3417257/30e417>>. Acesso: 15 out. 2020.

TAVARES, Sinivaldo S. **Trindade e criação**. Petrópolis: Vozes, 2007.

VIDAL, Marciano. **Moral de Atitudes**: ética da Pessoa. v. 2. 3. ed. Aparecida: Editora Santuário, 1988.